



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

**“OS ESPAÇOS E SUAS MÚLTIPLAS FACES” : SIGNIFICAÇÃO DOS ESPAÇOS
PÚBLICOS POR JOVENS PRATICANTES DO HIP HOP E POR POLICIAIS MILITARES NA
CIDADE DE MACEIÓ.(ALAGOAS-BRASIL)¹**

Sérgio da Silva Santos
sergiosantosciso@gmail.com
Universidade de Brasília
Brasil

¹ Apresentação oral no XXXI Congresso da ALAS – Asociación Latinoamericana de Sociología em Montevideu/Uruguai com apoio fundamental da FAPDF - Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal, que agradeço imensamente.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMEN

Os processos intersubjetivos produzidos pelas dinâmicas sociais das cidades e da vida urbana produzem representações sociais que são fundamentalmente significativas no contexto das relações sociais e na construção dos marcadores sociais das disputas pelos espaços públicos. As práticas sociais e culturais acionadas pelo Hip Hop tem como um dos elementos centrais a busca por visibilidade. Os jovens praticantes do Hip Hop buscam se mostrar nas cidades, buscam reconhecimento e apropriam do espaço urbano. O uso de determinado estilo de se vestir, estilo de linguagem específica e utilização simbólica do corpo, são também estratégias utilizadas pelos seus praticantes. Os policiais militares vivem o cotidiano da cidade, demarcam os espaços, orientam os espaços e os significam. O corpo policial militar se mostra nos espaços públicos pela presença. A presença desse ator social no meio urbano é inconfundível e é, talvez, um dos atores sociais mais visíveis na cidade. A presença dos policiais militares em determinados espaços públicos pode orientar muitas vezes a representação social da segurança em determinados locais, nesse sentido, é possível construir um mapa dos lugares de passagens produzidos pela presença da polícia e, por outro, um mapa de circulação perigosa na cidade, fato que diz muito sobre os elementos simbólicos produzidos pela presença ou não da polícia em cada espaço da cidade. O corpo é para o Hip Hop o instrumento de luta pela cidade, ou seja, o corpo se impõe às dimensões normativas presentes na vida urbana; sendo assim, a performance do corpo expõe elementos estruturantes que conduzem o estilo de vida dos jovens praticantes do Hip Hop, como também expõe elementos significativos da cultura e do cotidiano em que estão inseridos. É importante compreender estas dimensões no processo de problematização e das discussões que envolvem o tema. Essa mesma reflexão cabe nas dinâmicas das representações do corpo em relação aos policiais militares, principalmente, nos processos de significação da farda e da arma nos espaços públicos. A ocupação e os processos de significação do espaço público são orientados pelas dinâmicas das interações sociais e espaciais das cidades e estruturam as ideias de produção de políticas públicas de segurança, lazer e cultura. Estas questões orientam também as estratégias de ocupação dos espaços públicos pelos jovens que estão envolvidos na cultura Hip Hop. O lugar de cantar rap, dançar break e produzir grafites são



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

demarcados por estas perspectivas e orientações, como também otimizam os cuidados em torno da ocupação destes locais. Noutro plano, são tidos como espaços de políticas públicas de vigilância e de cerceamento de liberdade. Mas o mais importantes desta trama são os diálogos e os jogos de disputa pelos espaços encapados pelos jovens e policiais e os significados produzidos nesse processo.

ABSTRACT

The intersubjective processes produced by the social dynamics of cities and urban life produce social representations that are fundamentally significant in the context of social relations and in the construction of social markers of disputes over public spaces. The social and cultural practices triggered by Hip Hop have as one of the central elements the search for visibility. Young hip hop practitioners seek to show themselves in cities, seek recognition and appropriate urban space. The use of a particular style of dress, specific language style and symbolic use of the body are also strategies used by its practitioners. The military police live the daily life of the city, demarcate spaces, guide spaces and signify them. The military police force shows itself in the public spaces by the presence. The presence of this social actor in the urban environment is unmistakable and is perhaps one of the most visible social actors in the city. The presence of military police in certain public spaces can often guide the social representation of security in certain places, in this sense it is possible to construct a map of the places of passage produced by the police presence and, on the other hand, a dangerous circulation map in the city, a fact that says a lot about the symbolic elements produced by the presence or not of the police in every space of the city. The body is for Hip Hop the instrument of struggle for the city, that is, the body imposes itself on the normative dimensions present in urban life; so the performance of the body exposes structuring elements that lead to the lifestyle of young Hip Hop practitioners, as well as exposing significant elements of the culture and daily life in which they are inserted. It is important to understand these dimensions in the process of problematization and the discussions that involve the theme. This same reflection fits in the dynamics of the representations of the body in relation to the military policemen, mainly, in



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

the processes of signification of the uniform and the weapon in the public spaces. The occupation and the processes of signification of the public space are guided by the dynamics of the social and spatial interactions of the cities and structure the ideas of production of public policies of security, leisure and culture. These questions also guide the strategies of occupying public spaces by young people who are involved in Hip Hop culture. The place to sing rap, dance break and produce graffiti are demarcated by these perspectives and guidelines, but also optimize the care around the occupation of these places. In another plan, they are considered as spaces of public policies of vigilance and of freedom. But the most important of this plot are the dialogues and the games of dispute by the spaces encapados by the young people and policemen and the meanings produced in that process.

Palabras clave

Representações sociais – Juventudes - Polícia

Keywords

Social representations - Youth - Police



XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

I. Introducción

A cidade de Maceió, capital de Alagoas (Brasil), apresenta inúmeras questões abertas em torno de pesquisas sobre a cidade e seus processos interacionais. Quando se trata da relação juventude e policiais militares no cotidiano da cidade, temos poucos trabalhos apontando para estas dimensões. Sendo assim, invisto nessa pesquisa tendo em vista compreender quais os processos sociais, culturais e políticos que implicam na construção das representações sociais desses atores. Artigo nesta proposta, três dimensões sociológicas importantes, as interações sociais, as experiências sociais e as representações sociais.

Temos na produção bibliográfica vinculada à sociologia e a antropologia, inúmeros trabalhos que dialogam com as questões que envolvem os processos de representações sociais e interações sociais. Destaco que esta proposta é parte desse processo de reflexão e busca contribuir com conhecimentos em torno da temática. Os jovens e os policiais militares são atores importantes nos espaços públicos, sujeitos que muitas vezes se confundem na cena urbana, principalmente pelo fato de muitos policiais militares estarem dentro dos limites etários que orientam uma das representações em torno do ser jovem.

Nesse processo de interação, destacam-se as estratégias de confronto e convívio, como também os mecanismos de controle e vigília do espaço urbano. A cidade de Maceió tem vivido permanentemente estas questões. Em 2012 dois projetos chamaram a atenção, o Plano Juventude Viva, articulado pela Secretaria de Juventude e SEPIR; e o Plano Brasil Mais Seguro articulado pelo Ministério da Justiça. Outro projeto proposto em 2009, chamado Território de Paz teve sua vigência e também evidenciou os processos interacionais envolvendo jovens e policiais militares na cidade de Maceió. Esses fatos ocorrem dentro de uma discussão de redução de criminalidade e mortes violentas, e tiveram como destaque ações em territórios específicos de Maceió.

É a partir disso que destaco os jovens e os policiais militares como atores importantes no processo de reflexão nessa pesquisa. Caruso (2009), na tese intitulada “Entre Ruas, Becos e Esquinas: por uma antropologia dos processos de construção da ordem na Lapa Carioca”, aciona a



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ideia de encontro² que me chamou muito a atenção. A ideia de encontro com a perspectiva de controle e vigília é um importante elemento no que se refere à produção de análises sobre as interações sociais e as inúmeras possibilidades de produção de representações sociais em torno dos policiais militares, mas também dos policiais militares em torno das juventudes. Ou seja, as três ações citadas no parágrafo anterior serão considerados nesse trabalho como um campo de análise das interações, dos encontros e das representações.

Quando Simmel (1979) afirma que a metrópole concentra múltiplas trocas simbólicas, pensamos que é possível articular essa afirmação às dinâmicas produzidas pela interação produzida pelas políticas públicas citadas anteriormente entre jovens e policiais militares. As juventudes e policiais militares estão inseridos numa dimensão do cotidiano que é conduzido pelo movimento constante de mudanças no meio urbano e por inúmeras possibilidades de experiências de vida. Entende-se, assim, que ambos os atores sociais são produtores de práticas heterogêneas e que mudam os sentidos a partir das suas diversas experiências, ou seja, com o social, o político, o econômico e o cultural. Caruso (2009) apresenta uma reflexão sobre a cidade que nos ajuda a pensar sobre nosso recorte.

A cidade conjuga múltiplas formas de existir, de ser e de estar nela, permitindo aos sujeitos a oportunidade de colidir com diversas e divergentes visões de mundo. É, pois, o contexto semântico por excelência que congrega diferentes grupos em seus diferentes destinos. O que nos leva a supor que é o lugar do exercício a diferença, tendo em vista que se está simultaneamente reunindo quantidade diversa de indivíduos. (p. 23)

É na esfera pública que se dão esses movimentos, e isso mobiliza pensar sobre o complexo jogo de signos que estão no invólucro das interações e das representações sociais produzidas por estes atores. Os policiais militares e as juventudes em meio às experiências sociais na cidade elaboram múltiplas elaborações mentais em torno delas mesmas, dos outros atores que compõe a

² Caruso apresenta o encontro da seguinte maneira: “o encontro pode ser entendido como o momento de contato do povo com o Estado que pode, justamente, ocorrer através da polícia, instituição de controle social, tomada aqui como principal ponto de ligação entre estes dois elementos” . (2009, p.9) Segundo Misse (2010), “a acusação social que constrói o criminoso (e que coincide com o início do processo de incriminação) é sempre resultante de uma interpretação contextualizada, entre agentes, de cursos de ação cujo significado “normal” ou “desviante” se produz nesse mesmo processo e não antes dele.” (p. 22)



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

cidade e dos espaços públicos. No caso específico dos policiais militares, o processo dinâmico de conhecer a cidade é tido como um ato de aprendizagem e interação com o trabalho policial. É importante o que apresenta Muniz (1999) sobre os aspectos relativos ao processo de produção de conhecimento acionados pelos policiais no meio urbano.

O contato com uma espécie de “conhecer” saído da urgência dos fatos, que se confunde mesmo com o fazer e o agir, nos faz pensar que os policiais que patrulham as ruas nas nossas cidades sabem de coisas que não sabemos ou que não queremos perceber. Seu conhecimento é constituído aqui na esquina, dia após dia convivendo, de uma forma explícita e sem mediação, com a dimensão volátil, cômica, dissimulada, humilhante, violenta, confusa, vulnerável, trágica e frequentemente patética daquilo que chamamos de humano. (p.160)

É a partir dessas dimensões que este trabalho pretende se desenvolver, tendo como foco a reflexão em torno dos fatos ocorridos entre os anos vigentes das políticas públicas que destaquei com os processos interacionais. Como também, buscando compreender as questões referentes aos processos de construção das representações sociais construídos pelos jovens em relação aos policiais militares e dos policiais militares em relação aos jovens.

II. Marco teórico/marco conceptual

Além da proposição de Simmel, a metrópole pode ser entendida também como um lugar de produção de práticas sociais e um campo de disputa. Os espaços públicos constitutivos das metrópoles são por excelência um lugar de práticas. Para Certeau (1994),

O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidades polivalentes de programas conflituais ou de proximidade contratuais (CERTEAU, 2009, p. 184).

É possível compreender as práticas sociais e culturais juvenis e as práticas sociais de vigilância dos policiais, como trocas simbólicas com o meio urbano e seus processos. As disputas



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

partem das questões simbólicas, de um mercado informal de significados que está presente nas cidades. Os espaços públicos tornam-se lugar, nesse caso, de apelo à informalidade da vigilância, da informalidade dos estigmas, daquilo que não pode ser dito publicamente, ou que pode ser dito publicamente. A luta simbólica pelo espaço e pela liberdade de ação passa necessariamente por uma espécie de “não dito”. A dimensão da autoridade do significado é posta a prova a partir do campo em que a disputa se dá. No caso em questão, as políticas públicas de redução da violência letal.

As interações sociais acionadas pelos policiais militares são de natureza diversa. A vigilância aos espaços públicos tem sinônimo de “missão”, é a obrigatoriedade de que não pode permitir o “errado”, o tumulto, a desestruturação das relações sociais. Para que esta “missão” seja perfeitamente cumprida, os policias produzem certas perspectivas de envolvimento com o lugar e atribuem valores a ele cotidianamente. As políticas públicas posta em prática em Maceió potencializam os processos valorativos e das representações em torno dos lugares e das pessoas, no caso específico, os jovens, sendo assim, põe diante das reflexões questões importantes para a pesquisa.

A relação entre cidades, juventudes e polícia está presente na agenda das políticas públicas e nos estudos nas ciências sociais. É também um tema atual tendo em vista os inúmeros fatos conflituosos que envolvem essa tríade. Avançar neste campo me parece um interessante empreendimento, ainda mais quando não é possível encontrar estudos que apontam para esta reflexão em Alagoas. É sabido que há uma dimensão conflituosa entre os signos produzidos pelas juventudes e os produzidos pela polícia, principalmente quando envolve jovens moradores das periferias. Nos cabe realizar esta reflexão para que possamos contribuir de forma incisiva neste debate.

A condição social de “ser jovem” na contemporaneidade talvez seja um dos processos mais complexos na sociedade. Há inúmeras formas de “ser jovem”, e essas múltiplas constituições são produzidas a partir de ambivalências. (Novaes; Vannuchi, 2007) A perspectiva de que a idade não define a categoria “juventudes” é certamente o elemento que torna livre e complexa as elaborações e constituições sobre os estudos que se remete a este tema. Para Novaes e Vannuchi (2007) ser



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

jovem é viver uma contraditória convivência entre a subordinação à família e à sociedade e ao mesmo tempo, grandes expectativas de emancipação. (p. 2) As autoras apontam que a juventude é vista como uma etapa de preparação e que a vivência da condição juvenil é diferenciada em função das diversas desigualdades. (p. 5)

Os dados que tratam sobre violência urbana apontam os jovens como as principais vítimas e autores. No entanto, os dados apontam que os jovens negros e moradores das periferias são enfaticamente os atingidos pelas dinâmicas da violência. Novaes aponta que as “duras e achagues de policiais rendem longas conversas entre os jovens”. (p. 6) É clara a disposição conflituosa entre estes dois atores sociais que constituem o cotidiano da cidade e é possível que estas configurações apontem para os processos de representações sociais.

Para Dayrell (2004), “a categoria juventude não está mais presa a critérios rígidos, mas sim é parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social” (p. 42). Para o autor, a juventude, como “um processo, é influenciada pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona, fazendo com que os jovens construam determinados modos de ser jovem”. Sendo assim, é preciso utilizar a noção de “juventudes”, como indica o autor, para as dimensões relacionadas à heterogeneidade e as diversidades possam ser compreendidas nos debates e reflexões sobre o tema.

Sposito (1993) apontava já na década de 1990 a ocupação de praças e ruas das cidades de agrupamentos e coletivos juvenis e percebe que este fenômeno seria uma nova forma de apropriação do espaço urbano e que exigiria uma aproximação mais sistemática para sua compreensão. A autora faz reflexões sobre o uso do espaço urbano, indicando a diversidade das feições existentes nela. Além disso, apresenta um argumento em torno dos processos de sociabilidade a partir de Magnani (1992), afirmando que os “pedaços” “frequentados não são produto de uma rede comum ou informal de relações de amizade”.

A inserção da Polícia Militar como um ator significativo desta pesquisa partiu de um olhar sobre a cidade e seu caráter heterogêneo. A maneira como a polícia produz simbologias em torno



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

da cidade é algo inevitável ao olhar de um pesquisador que busca compreender e produzir reflexões sobre os espaços públicos e suas representações. A tríade, cidades, juventudes e polícia me permite caminhar pelo campo das representações sociais em busca de elementos que aponte a intersecção desses atores no meio urbano. Quando analisamos o Plano Juventude Viva, o Programa Brasil Mais Seguro e o Território de Paz vamos encontrar, principalmente nos dois últimos, a supervalorização da atuação desses atores. Em tese de doutoramento sobre os processos constitutivos do “ser policial” Jacqueline Muniz (1999) faz a seguinte reflexão:

As atividades de policiamento recobrem o vasto mundo da vida nas cidades e, por conseguinte, toda sorte de acidentes, interações ou conflitos experimentados pelos indivíduos no espaço público. Exatamente por isso, as organizações policiais estão constrangidas a acompanhar - em um recorte mais sensível, carregado de tensões e atritos - as reinscrições e os desafios propostos pela multiplicidade de atores que constroem o cenário político-urbano. (p. 37)

Um aspecto que chama a atenção sobre os policiais militares e sua relação de intimidade com a cidade, e vice versa, são os processos de construção do imaginário produzido pelos policiais em relação a ela. A interpretação que os policiais fazem dos outros atores que compõe a cidade, é sem dúvida o fator que me chama a atenção, mas também as interpretações que esses atores fazem dos territórios e dos espaços públicos das cidades.

Muniz (1999) apresenta um aspecto importante que orienta o policial militar e sua inserção nas ruas. Para esta autora o conhecimento do policial sobre a área e os atores que transitam é uma característica constitutiva do trabalho policial.

O mapeamento da territorialidade urbana, dos seus fluxos, das suas personagens, dos seus códigos informais, das suas regras de tolerância e convivência faz parte do empreendimento daqueles que redefinem a cidade através de suas inserções, e que disputam os seus espaços, inscrevendo neles a sua própria forma de estar no mundo. De certa maneira, esses personagens estão – como os policiais – atentos ao seu próprio “pedaço”, observando e “vigilando” a cidade cada um ao seu modo. Todos eles, invariavelmente, sabem o que acontece ao seu redor, quem entra e quem sai dos seus territórios, “quem está fazendo o quê” e “o que está procurando”. (p. 177)



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Tendo em vista a análise das políticas públicas e o olhar dos policiais e dos jovens, uma noção que também acredito ser importante no processo de análise das representações sociais é a de sujeição criminal. Essa noção apresenta um aparato reflexivo que nos permite desenvolver os argumentos que estão mobilizados em torno de alguns atores sociais que atuam na cidade. Sobre isso, Misse (2010, p. 20-21) afirma que “a sujeição criminal³ também se “territorializa”, ganha contornos espaciais e amplifica-se nos sujeitos locais”. O autor ainda se refere a essa questão da seguinte forma:

Originalmente, a sujeição criminal é apenas distintiva. Nesse sentido, ela sempre começa no plano da interação social contextual, mas já sob a referência estrutural do “criminal”. O referente está dado não apenas nos códigos penais, mas na própria linguagem que – na interação – será empregada para distinguir a ruptura da normalidade ou a sua expectativa em um sujeito. (P. 21-22)

Os policiais militares e os jovens são atores potenciais no processo de distinção e de produção de representações do outro. Aspectos relacionados aos estereótipos são fortemente encampados pelos policiais militares nesse processo de indicação de sujeição; marcadores como cor da pele, estilo de vestir ou uso de determinado tipo de linguagem, acabam se tornando elementos de distintivos para esses agentes. Outra perspectiva de orienta os policiais militares são as representações produzidas pela mídia. Não quer dizer que os jovens estão fora deste contexto. Os processos de produção e reprodução das representações, em torno deles mesmos, são também baseados em estruturas linguísticas e simbólicas semelhantes às referências dos policiais militares.

³ Segundo Misse (2010), “a acusação social que constrói o criminoso (e que coincide com o início do processo de incriminação) é sempre resultante de uma interpretação contextualizada, entre agentes, de cursos de ação cujo significado “normal” ou “desviante” se produz nesse mesmo processo e não antes dele.” (p. 22)

III. Metodología

A pesquisa envolve diretamente dois atores sociais, os jovens e os policiais militares. Para cada seguimento utilizarei uma estratégia específica de inserção. No caso dos jovens estarei articulando inserções junto aos grupos culturais juvenis de Maceió e estudantes do ensino médio das escolas públicas. Os grupos juvenis serão os que fizeram parte de conselhos gestores, ou compuseram comitês gestores das políticas públicas em questão. Estarei estreitando laços com jovens que participaram ativamente do comitê gestor do Plano Juventude Viva como estratégias de inserção ainda mais qualificada, buscando construir uma rede para a pesquisa.

No caso dos policiais militares irei buscar inserção a partir de três frentes: policiais militares do grupo de Gerenciamento de Crise, Polícia Comunitária e Direitos Humanos, oficiais e praças dos batalhões de Rádio Patrulha, Bope e oficiais e praças do Batalhão Escolar. E por fim, policiais militares da ponta (praças e oficiais) que trabalham ou trabalhavam nas Bases Comunitárias de Segurança localizadas nos territórios prioritários das políticas públicas em questão.

Entrevista não-diretiva

O uso das entrevistas é essencial para este trabalho. A utilização da entrevista do tipo não-diretiva nos dará condições de colher importantes dados qualitativos. Sendo uma pesquisa que irá se basear majoritariamente a partir de dados qualitativos, eu também utilizarei dados quantitativos, na medida em que for necessário o diálogo, como por exemplo, os Mapas anuais sobre homicídios e relatórios quantitativos da Secretaria de Segurança Pública. Segundo Guy Michelat (1980), o recurso a entrevista não-diretiva, por oposição à entrevista dirigida, tem o objetivo de contornar certos cerceamentos das entrevistas por questionário com perguntas fechadas que representam o polo extremo da diretividade.

A entrevista não-diretiva é de suma importância para a análise do objeto que escolhemos para a realização da pesquisa. Estamos levando em consideração que nosso campo de análise está imerso em um cotidiano que está em movimento, ou seja, em constantes mudanças. Vou fazer a



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

opção de gravar as entrevistas (imagens e áudio) para que possamos ter maior quantidade e qualidade dos dados.



IV. Análisis y discusión de datos

Em 2009 o Ministério da Justiça como foco das ações do PRONASCI – Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania – criou o Território de Paz, que se tornou a primeira ação de redução de homicídios nas áreas tidas como periféricas de Maceió. Articulando acesso à direitos, esporte e lazer para jovens, esse projeto também articulou a criação de Bases comunitárias de Segurança Pública. Os chamados Territórios de Paz foram criados em diversos municípios e tinha como ponta pé inicial a criação do GGIM (Gabinete de Gestão Integrada Municipal), como também, o PROTEJO, que consistia em atender jovens de territórios vulneráveis.

Durante o processo de implantação dos projetos ligados ao Território de Paz, lembro-me de forma familiar e clara que se tentou efetivar no Complexo Benedito Bentes um núcleo da CUFA - Central Única das Favelas, fato importante no processo de interação da cultura Hip Hop com os jovens moradores do bairro. Mas o que mais me chamou a atenção foram as Bases Comunitárias e os destaques da mídia quanto à existência de um modelo de policiamento dentro das comunidades. Lembro-me também que em 2010 ao iniciar meu curso de formação de praças na Polícia Militar de Alagoas ouvia comentários sobre as Bases Comunitárias de forma negativa, que não era local para operacionalidade policial. No mesmo período, foi inserida no Curso de Formação de Praças da PMAL a disciplina polícia Comunitária, inédito no currículo para formação de policiais em Alagoas.

Em 2012 Alagoas estava em foco na liderança do Ranking de homicídios entre os estados da federação e contava com a capital mais violenta do País. Era esse o cenário quando membros do governo federal, especificamente do Ministério da Justiça e da Secretaria Nacional de Juventudes, apresentaram dois produtos importantes para Alagoas. Primero, o Plano Brasil Mais Seguro, que tinha como foco o aprimoramento das instituições policiais e ocupação de áreas de maior incidência de crimes violentos; no mesmo período foi apresentado o Plano Juventude Viva, que tinha foco na redução de homicídios de jovens negros moradores das áreas vulnerais de Maceió.

Me chamou a atenção de como estes dois planos tinham como foco o mesmo problema, redução de homicídios de jovens, e agiam de forma estrategicamente diferentes. O primeiro teve a



repressão policial como ação prioritária, transparecendo que o racismo institucional, as sujeições criminais, e os estigmas dos espaços e dos territórios eram os elementos centrais de atuação. Quanto a isso, é bastante relevante destacar como eram divididos os territórios de ação e suas respectivas cores, sendo a cor vermelha definida para espaços e territórios “hostis” ou violentos, com índices de homicídios altos, e cores amarelas para lugares considerados tranquilos.

O Plano Juventude Viva trazia uma articulação entre a Secretaria Nacional de Juventudes e a Seppir– Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Tinha como foco a articulação social e institucional para o fortalecimento de políticas públicas com foco na prevenção à violência letal de jovens negros. Foi uma experiência que movimentou de forma intensa os grupos juvenis de Maceió e da região metropolitana ligada à questão negra. Movimentos sociais e culturais ligados a cultura Hip Hop, capoeira, Reggae, jovens pertencentes à religião afro-brasileira participaram ativamente dos processos de constituição do Plano Juventude Viva em Alagoas, especificamente em Maceió, com maior intensidade.

Essas políticas articulam diretamente o objeto da nossa pesquisa, os processos interacionais e das representações sociais envolvendo jovens e policiais militares. A partir da análise dessas políticas públicas e suas interseções vamos compor os argumentos que irão estruturar esta pesquisa. Os processos interacionais potencializados por essas ações, as experiências sociais dos sujeitos da pesquisa e os argumentos diante das discussões em torno dos espaços públicos majoritariamente, e também dos territórios, serão fundamentais para compreendemos as dimensões dos processos.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

V. Conclusiones

A pesquisa que ainda se encontra em andamento aponta para os processos de sociabilidade a partir de mecanismos pré-estabelecidos por políticas públicas de segurança. A criminalização dos jovens a partir dessas políticas são evidentes por pelos menos duas razões: marcadores sociais historicamente contruídos e estigmatizados e a sujeição criminal dos territórios focais das políticas públicas de segurança.

Os jovens e os policiais militares participam ativamente dos processos interacionais e disputam narrativas em torno das suas identidades. Os jovens praticantes de Hip Hop, sujeitos e interlocutores ativos da pesquisa, apresentam as narrativas das suas experiências sociais no cotidiano a partir da busca por visibilidade e reconhecimento através da musicalidades e expressões; enquanto policiais militares travam suas experiencias cotidianas nos processos ativos de repressão e vigilancia. Essas são, por assim dizer, os dilemas que a pesquisa tem traçado suas reflexões.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

VI. Bibliografía

CARUSO, Haydée Glória Cruz. **Entre ruas, becos e esquinas: por uma antropologia dos processos de construção da ordem na Lapa carioca**. 2009. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Antropologia Social)-PPGA, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: morar, cozinhar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

CERTEAU, Michel. (1994), **A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer**. Petrópolis, Vozes

DAYRELL, Juarez. **Juventude, grupos culturais e sociabilidade**. Observatório da juventude, 2004.

MAGNANI, José Guilherme C., TORRES, Lilian de Lucca (orgs.). **Na metrópole: textos de antropologia urbana**— 3. Ed. — São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2008.

MISSE, Michel. **Crime, sujeito e sujeição criminal**: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria “bandido”. *Lua Nova*, v. 79, n. 1, p. 15-38, 2010.

MUNIZ, Jaqueline. **Ser policial é, sobretudo, uma razão de ser: cultura e cotidiano da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro**. 1999. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado)-Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), Rio de Janeiro.

SIMMEL, Georg. **Sociologia**. Organizador: Evaristo de Moraes Filho. - São Paulo: Ática, 1983.

SIMMEL, Georg. **Questões Fundamentais de sociologia: indivíduo e sociedade**. Tradução: Pedro Caldas. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

SOARES, Luiz Carlos. **O povo de CAM na capital do Brasil: a escravidão urbana no Rio de Janeiro do século XIX**. Rio de Janeiro: Faperj; 7 Letras, 2007.

SPOSITO, Marília Pontes. **A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade**. *Tempo social*, v. 5, n. 1/2, p. 161-178, 1993.